

## A CONSCIÊNCIA COMO ESFERA DE LUZ TETRADIMENSIONAL: PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO

A construção de modelos da consciência não é tarefa nova. Sabe-se perfeitamente que existem diferentes concepções, tanto antigas quanto modernas, que podem constituir orientações interessantes. Porquê, então, ainda outro modelo? A esta questão podemos responder que os modelos existentes não nos parecem satisfatórios porque: (1) não explicam de que modo podem existir gradações aparentes de tipo quantitativo - grau de expansão de consciência - ou qualitativas - modos diferentes de consciência - quando nos encontramos perante estados modificados de consciência; mais precisamente, recorrem com frequência, parece-nos, a analogias “espaciais” de “mudança de nível” de consciência - o que, como na ideia de que quem sobe a uma montanha vê mais longe e mais amplamente, explica uma expansão quantitativa no campo da consciência mas não tanto uma mudança qualitativa em que a própria natureza da paisagem avistada e do aparelho que a contempla parece mudar; (2) são frequentemente bastante complexos em termos intelectuais mas têm grandes problemas, ao apelarem para representações gráficas bidimensionais ou tridimensionais e estratificadas (ver Eckartsberg, 1981, por exemplo), em explicar dados como, por exemplo, o facto de que a consciência parece ser intensamente plástica e muitas actividades e “níveis” de consciência podem subsistir simultaneamente. Por outro lado, não nos parecem realmente capazes de cobrir satisfatoriamente, numa perspectiva integrativa, o amplo campo dos “estados modificados” tal como se apresentam em termos fenomenológicos àqueles que os experimentam; (3) não permitem uma compreensão simples do modo como ocorre a diferença entre estados de consciência subnormais (“reduções de campo”, “obnubilações”, etc.), normais (vigília...) e supranormais (expansão, “iluminação”, etc.); (4) não permitem uma articulação sistemática com os dados da Parapsicologia, apesar de ser bem conhecida a relação frequente entre estados modificados de consciência e ocorrências paranormais (Weil, 1979; Eysenck e Sragent, 1982; Krippner e George, 1986; Targ e Kutra, 1998) (5) por último, e quanto ao modo de produção e desenvolvimento dos modelos da consciência existentes, alguns deixam-nos com a impressão de terem tido a sua génese em estados de consciência normais e no uso da mente analítica-raciocinadora-discursiva não tendo sido complementados por estados modificados e, com eles, por uma percepção qualitativamente diferente acerca da realidade da consciência...

Assim, o modelo que vimos propor pretende responder aos vários óbices referidos. O que expomos é, realmente, o resultado de várias experiências sucessivas em que a nossa consciência se encontrava modificada. Acreditamos, aliás, que a razão da insuficiência dos modelos da consciência existentes se deve, sobretudo, ao facto de serem representados e pensados tridimensionalmente. Ora, como veremos, isso talvez seja radicalmente inadequado recordando-nos que a ciência elaborada num estado de consciência vigil “normal” e tridimensional pode ser insuficiente para dar conta de estados de consciência profundamente modificados onde o indivíduo vivencia a ultrapassagem do espaço-tempo tais como os conhecemos (Weil, 1977a).

Costuma considerar-se que a percepção normal dos seres humanos é tridimensional. Quer isto dizer que eles percebem simultaneamente três dimensões - comprimento, largura, altura - e, com isso, são capazes de se situar num espaço volumétrico quer em termos visuais quer em termos auditivos ou tácteis. Este é caracterizado por peculiaridades típicas como a de dois volumes não poderem coexistir (se, é claro, possuem características de densidade semelhantes - não estamos a esquecer a possibilidade de, por exemplo, um gás estar dissolvido num líquido). Sabe-se igualmente que esses seres são dotados de memória e que, graças a ela, podem aperceber-se de mudanças nas características do espaço tridimensional em que vivem. Basta-lhes, para tal, comparar a noção memorizada acerca de um determinado estado ou aparência dos objectos que os rodeiam com o “novo” estado após qualquer transformação. Podem, em consequência, acrescentar à noção de espaço a de tempo, aqui entendido como a percepção de um transformismo global nesse espaço tridimensional.

Imaginemos como seria a percepção “espacial” para um ser que somente se apercebesse de uma dimensão. Ele não poderia perceber o espaço tal como o entendemos. Para ele tudo seria linear e, se possuísse memória, somente poderia conceber o tempo como uma sucessão de pontos. Porém ele não saberia qual o ponto que iria seguir-se no seu “futuro”, caso se deslocasse no seu espaço monodimensional; em contraste, para um ser capaz de percepção bidimensional seria fácil prever quais os pontos pelos quais o ser monodimensional poderia passar. Se o ser monodimensional mudasse de direcção não se aperceberia disso pois a noção de desvio só faz sentido num espaço bidimensional. Mais exactamente, pode dizer-se que uma bidimensionalidade contém todas as monodimensionalidades possíveis e que um ser com percepção bidimensional pode antecipar todo o “futuro” possível para um ser monodimensional. Ele pode fazer isto pois pode aperceber-se potencialmente, como um todo, do conjunto de todos os pontos possíveis numa direcção definida dentro de um plano a duas dimensões.

Imaginemos, agora, a seguinte situação: um outro ser, este tridimensional e consciente da existência de três dimensões, percorre uma linha recta ao longo de um plano, na presença do ser bidimensional. De súbito, porém, ele muda de plano: por exemplo, sobe ou desce em relação ao plano em que se encontra o ser bidimensional. Quer isto dizer que, do ponto de vista do último, o outro terá desaparecido inexplicavelmente; terá passado a outra dimensão... (ver Ralphs, 1994, para um interessante desenvolvimento destes aspectos). Quanto ao ser bidimensional, se mudar de direcção no sentido da altura, por exemplo, não poderá sequer aperceber-se disso: para ele, será como se tivesse continuado no mesmo plano a duas dimensões... Do mesmo modo, ele poderá prever quais os pontos que irá percorrer numa direcção dada mas não conseguirá, nem potencialmente, aperceber-se do conjunto de todas as direcções possíveis num espaço tridimensional. Isto, em contrapartida, será fácil para um ser tridimensional. Este último poderá prever as deslocções possíveis no interior do seu espaço volumétrico; contudo ficará baralhado pelas acções possíveis para um ser tetradimensional. Este poderá, em princípio, aperceber-se de todo um conjunto de estados potencialmente possíveis para cada sistema de coordenadas definindo espaços volumétricos. Deste modo, poderá aperceber-se, potencialmente, de todos os futuros possíveis para um ser tridimensional pois poderá aperceber-se, em simultâneo, de todos os estados possíveis do sistema com que este se identifica conscientemente. Poderá, até, “ver” esses estados como se estivessem simultaneamente presentes (como inúmeros “volumes” coincidindo no mesmo espaço) para si ainda que,

para um ser tridimensional, eles representem “futuros incertos”. Por outro lado, ele poderá ver qual a direcção de futuro para a qual o ser tridimensional se encaminha em particular, coisa que, para este, será inviável...

## LIBERDADE E CAUSALIDADE

Faz sentido, neste contexto, admitir que a liberdade aumenta quando aumenta o número de dimensões de que um ser determinado tem consciência e em que pode “deslocar-se” ou exercer acção energética. A percepção normal dos seres humanos, tridimensional e “temporal”, parece dar-lhes grande vantagem sobre a de espécies animais menos capazes de antecipação em espaço-tempo (embora possivelmente a diferença seja mais quantitativa do que qualitativa). Contudo os seres humanos em geral não escapam aos limites do espaço-tempo e dos seus condicionamentos e a sua possibilidade de manejar o mundo tridimensional não tem senão fracos pontos de contacto com a enorme capacidade de um ser tetradimensional para se aperceber de sequências causais e para agir livremente num mundo tridimensional. Para seres tridimensionais, um tal ser poderia ser tomado como “divino”. Na verdade, ocorre-nos que talvez aquilo a que chamamos Deus possa ser concebido como o ser que domina todas as causalidades possíveis num espaço n-dimensional...

Na mesma linha de raciocínio, podemos dizer que um ser bidimensional não poderia chegar a conceber a Lei da Gravidade, de Newton, pois faltar-lhe-ia a possibilidade de ser sensível aos relevos tridimensionais - declives, por exemplo - que a colocam em evidência e seria incapaz de seguir a trajectória de queda dos graves e de se aperceber, claro, do significado da queda da mítica maçã... Do mesmo modo, talvez haja inúmeras leis que estejam em causa no mundo dos fenómenos Psi que só sejam realmente explicitáveis numa teoria tetradimensional (Ralphs, 1994). Talvez uma das leis que remetem para a 4ª Dimensão seja a sincronicidade de Jung - que, justamente, foi alguém que teve a experiência de estados de consciência modificados (Weil, 1993)... Pode mesmo argumentar-se que a existência de uma quarta dimensão pode ser fortemente sugerida pelas vivências fenomenológicas em determinados estados de consciência - nos quais os sujeitos parecem transcender as habituais faculdades cognitivas “tridimensionais”. Ora a hipótese da existência de uma quarta dimensão pode talvez fornecer um dado fundamental para uma teoria da consciência - mesmo da consciência em estado “normal” - sobretudo se levarmos em conta argumentos como o de McGinn (1995) de que o carácter não-espacial da consciência é difícil, ou impossível, de derivar dos conceitos usuais de espaço-tempo. Nesse caso, a existência de um “espaço” tetradimensional poderia fornecer terreno fértil para explicar a aparente não-espacialidade da consciência como sendo, na verdade, uma trans-espacialidade. Ao mesmo tempo, a noção de quarta dimensão ajuda-nos a compreender de que modo a consciência se relaciona com o espaço tridimensional: se a mente humana for uma estrutura tetradimensional, ela poderá ser capaz, por um processo de identificação, de se fazer “coincidir” estreitamente com a estrutura tridimensional do cérebro - até ao ponto de se identificar ilusoriamente com ela. Contudo, ao libertar-se das suas limitações, talvez a mesma consciência adquira uma relativa independência face ao condicionamento cerebral. Nesse caso, compreender-se-ia o acesso consciente a uma “mente não-local” que, por sua vez, poderia coincidir com o domínio da “Ordem implicada” do universo teorizada por David Bohm (ver, acerca disto, o capítulo final em Targ e Katra, 1998). A autonomia relativa face ao funcionamento normal do cérebro

permitiria a abertura do ser humano a percepções e vivências tão estranhas como as conhecidas pela Parapsicologia e pela Psicologia Transpessoal. Green e Green (1986) fornecem dados sugestivos acerca do modo como o treino de biofeedback cerebral (conduzindo à produção consciente de ondas Theta) pode contribuir para o acesso tanto ao “subconsciente” quanto ao “superconsciente” (Assagioli, 1970) e talvez, parece-nos, a estados de consciência melhor explicáveis pelo acesso então obtido à quarta dimensão. Vale a pena citar, a este respeito, dois excertos das conclusões de Green e Green (1986, pgs. 583-84): “à medida que se acumulam dados extrapessoais e transpessoais, parece cada vez mais provável que existam energias suprafísicas (usando o termo de Aurobindo) e que qualquer experiência humana, não importa quão “elevada” ou transcendental, seja na verdade uma experiência em domínios da realidade não separados da substância” (...); muitos desses clínicos vieram a convencer-se (através da sua própria experiência com autoconsciência facilitada por Biofeedback, através de meditação e através da discussão com pacientes) de que a “energia” curativa existe (ver Kreiger, 1975; LeShan, 1976) e de que tanto os domínios extrapessoais quanto transpessoais da experiência consistem em estados energéticos factuais mais do que imaginários”. A ideia do acesso a uma quarta dimensão da experiência/consciência parece-nos altamente compatível com estas ideias.

### CAMPOS DE CONSCIÊNCIA E POSSIBILIDADES PERCEPTIVAS

Este tipo de reflexão leva-nos à seguinte ideia: podemos representar o campo de consciência máxima possível para um ser monodimensional como uma única linha. Na sua máxima expansão de consciência, ele poderá aperceber-se de toda a linha, numa única direcção espacial. Porém, se ele conseguir uma mudança qualitativa importante no seu estado de consciência, poderá alcançar a bidimensionalidade e aperceber-se eventualmente de todas as linhas possíveis, com todas as direcções possíveis, num plano bidimensional. Este plano bidimensional pode ser representado por um círculo correspondente à rotação de 360° aplicada à linha de que falámos primeiro.

Na sua máxima expansão de consciência possível, um ser bidimensional poderá aperceber-se da totalidade do círculo e de todos os pontos nele existentes. O que poderemos dizer quanto àquilo de que se pode aperceber um ser tridimensional? O seu campo de percepção máximo poderá ser representado pela esfera resultante de uma rotação de 360° aplicada ao plano circular. Assim, na esfera, ficarão representados todos os planos bidimensionais potencialmente possíveis. Prolongando esta linha de ideias, imaginemos o que poderá resultar da hipótese de fazermos coincidir, no mesmo “espaço”, todas as esferas tridimensionais possíveis, como se pudessem sobrepor-se volumetricamente: nesse caso, poderemos imaginar uma “esfera tetradimensional” ou hiperesfera contendo todas as esferas tridimensionais potencialmente possíveis... Um ser tetradimensional, cujo campo de consciência seja representado por uma esfera tetradimensional, poderá, assim, em princípio, ter acesso a todos os estados passados e futuros potenciais para o ser tridimensional, estados esses a que correspondem as inumeráveis esferas tridimensionais que este, por sua vez, somente costuma perceber em sequência (por serem, para ele, “espaços volumétricos” não sobreponíveis), sem poder vê-las como simultaneamente presentes.

### OBSERVADORES E OBJECTOS

A tudo isto podemos acrescentar uma outra ideia: para uma visão bidimensional, é de prever que exista um afastamento completo entre observador e objecto - uma vez que este último poderá ser dotado somente de duas dimensões e, provavelmente, percebido como algo de diferente e distante de um observador consciente; para uma visão tridimensional já será mais evidente que o observador se situa no interior do espaço volumétrico que observa embora ainda se distancie e diferencie do objecto observado dado que não pode coincidir com ele; em contrapartida, um observador com consciência tetradimensional poderá, concebivelmente, coincidir com o objecto observado sobrepondo-se a ele ao ultrapassar a barreira do espaço tridimensional e das suas “leis” como, por exemplo, a que nos faz crer que dois objectos não podem ocupar simultaneamente o mesmo espaço nem serem simultaneamente percebidos como que num mesmo espaço. É, assim, de supor que as pessoas que têm, num estado alterado de consciência, uma percepção de ausência de separação face ao todo em que se inserem e de unidade entre o eu e o objecto estejam a aceder, ainda que fragmentariamente, à consciência tetradimensional... Do mesmo modo, torna-se perfeitamente viável conceber que a “Consciência Cósmica” descrita por Weil (1977a e b) resulta fundamentalmente do acesso, mais ou menos prolongado, a um tal estado de consciência.

Podemos ainda desenvolver mais estas considerações. Acompanhemos Chalmers (1995) na ideia de que as funções cognitivas parecem muito mais fáceis de explicar do que o problema da vivência/experiência que acompanha o seu desempenho. Segundo ele, “para tal basta especificar o mecanismo que desempenha a função” (pg. 202). Isso explica as funções geralmente consideradas por grande parte dos actuais cognitivistas. Entretanto, se pensarmos em funções Psi (Chauvin, 1991), o problema da própria explicação das funções reaparece pois é extremamente difícil especificar o mecanismo delas - e, a nosso ver, isso deve-se ao facto de todas ou várias dentre elas implicarem “mecanismos” tetradimensionais e não tridimensionais (ver também Ralphs, 1994). É mesmo possível que, admitindo, com Chalmers, que a experiência/consciência deva ser tomada como característica fundamental do universo (tal como o espaço-tempo. Acerca disto, supomos que Goswami, 1989, estaria totalmente de acordo), talvez se possa admitir que ela acompanha estreitamente várias ordens de funções cognitivas sejam elas tri ou tetradimensionais. Nesse caso, ao acompanhá-las, ela poderá manifestar-se como “consciência tridimensional” ou “tetradimensional”... Curiosamente, o princípio, proposto por Chalmers (Op. cit.), da “coerência estrutural” entre experiência consciente e funções cognitivas, poderia explicar a razão pela qual um indivíduo com acesso à consciência tetradimensional poderá, ao fazer-se “coincidir” com qualquer estrutura funcional biológica, vivenciar uma profunda unidade e compreensão acerca dela. Eis, no limite, uma possível explicação radical para as descrições de total empatia e compreensão para com os mais variados entes do Universo que surgem nos relatos de grandes místicos e outras pessoas em “consciência cósmica” (Weil, 1993). Do mesmo modo, a intuição, mencionada na tradição esotérica (Blavatsky, 1892; Bailey, 1987) com a acepção nobre de faculdade cognoscitiva que permite o acesso directo à verdade e à realidade das coisas, acompanhado por um carácter noético e sem o necessário auxílio da razão, pode também ser parcialmente explicada pelo modelo tetradimensional. A consciência tetradimensional poderia permitir ao homem a vivência de se sentir intimamente unido e identificado com quaisquer objectos (uma vez abolida a separação “tridimensional” entre sujeito-objecto) e, ao fazê-lo, poderia permitir, ainda, um conhecimento directo, íntimo, da mais profunda realidade desses objectos - que já não seriam vivenciados (como seria o caso se estivesse em causa somente

a mediação mental) como objectos “externos” e só parcialmente cognoscíveis através de aparências eventualmente ilusórias...

Ocorre-nos ainda que, num “espaço tetradimensional” onde seja concebível a coexistência simultânea, na consciência, de vários objectos tridimensionais, torna-se admissível a vivência de que alguma coisa possa estar simultaneamente em cima e em baixo de outra, dentro e fora, simultaneamente figura e fundo... Nesse caso, certos sólidos “impossíveis” no mundo tridimensional, concebidos por artistas como, por exemplo, M. C. Escher, seriam boas sugestões gráficas (e pressentimentos?) das possibilidades oferecidas por uma quarta dimensão...

## CONSCIENTE, INCONSCIENTE E ESFERAS DE LUZ

Feitas estas considerações, pensemos no caso particular dos seres humanos e nas suas capacidades perceptivas habituais. Afinal nós vivemos habitualmente, no nosso estado de consciência “vigil” e “normal”, num espaço tridimensional. Graças à memória, temos uma noção razoável, embora não global nem imparcial, acerca dos estados passados por que passámos e por que passou o mundo tridimensional à nossa volta. Imaginemos que representamos o nosso “campo de consciência” tridimensional como uma esfera de luz. Este campo é assim, a cada momento, constituído pelas zonas da esfera que estão “iluminadas”, ou seja, às quais está a ser dirigida a luz da consciência. Estão como sob o foco de uma lanterna, o foco da nossa atenção. Existem zonas às quais podemos dirigir a nossa atenção com facilidade: a estas podemos apelidar, seguindo a terminologia clássica, zonas do consciente. Existem zonas às quais podemos eventualmente dirigir a nossa atenção mas em relação às quais é muito mais difícil fazer isso: podemos chamar-lhes zonas do inconsciente. No entanto, tipicamente, algumas poderão representar o que já esteve presente no consciente e outras o que ainda não esteve presente mas existe em potência. As primeiras, a que chamaremos aqui subconscientes, pertencem ao passado mais ou menos longínquo e mais ou menos acessível/inacessível à consciência vigil; as segundas, a que chamaremos superconscientes (segundo Assagioli, 1970), pertencem ao futuro quer experiencial quer tomado como a evolução futura do ser.

Seguindo a analogia com que estamos a trabalhar, poderemos perguntar: o que faz com que a luz da esfera de consciência se dirija somente a algumas áreas em lugar de se difundir em todas as direcções? A resposta é simples: existe, forçosamente, um mecanismo focalizador, a mente. Esse mecanismo é que dirige o foco de luz tornando-o mais ou menos focalizado (concentração) ou difuso (atenção flutuante ou dispersa), dirigindo-o a objectos particulares ou escolhendo delimitar o foco, evitando ou procurando objectos aos quais se dirige. Podemos ainda levar esta ideia mais longe e pensar que existe todo um espectro de luz e que um dos aspectos distintivos entre as pessoas com graus de desenvolvimento diferentes está na capacidade para usarem todo o espectro de luz, em termos de consciência, para “iluminarem” os mais variados campos de conhecimento possíveis. Assim, talvez a analogia possa ser levada ao ponto de pensarmos que alguns somente usam o espectro visível, outros utilizam “infravermelhos” (tal como na visão nocturna assistida por aparelhos) ao passo que outros, capazes de usarem “ultravioletas”, podem observar quer outras classes de objectos quer as mesmas classes de objectos mas... “a outra luz”...

Estamos, assim, a pensar na consciência vigil normal como uma esfera tridimensional, autofocável, autodiscernível e susceptível de diferenças qualitativas subtis

quanto ao espectro luminoso envolvido. Podemos ainda pensar que há zonas de atracção e de repulsão entre as categorias de objectos habitualmente iluminadas pela consciência do ser humano, de modo que ele pode ter tendências típicas quanto ao tipo ou à zona de objectos que focaliza. Isso poderá resultar dos condicionamentos nascidos da sua experiência de vida e, eventualmente, associados a um inconsciente mais ou menos sediado no hemisfério direito do cérebro (Budzinski, 1986). Nos casos patológicos, pode ocorrer uma fixação tal que a consciência se limita a determinadas classes de objectos, que a atraem, em detrimento de outros, ou uma fuga sistemática à consideração de classes de objectos ou, ainda, uma alteração no mecanismo focalizador, provocando uma distorção nas imagens percebidas. Podemos mesmo pensar que um homem é tanto mais livre e tanto mais saudável quanto mais é capaz de focalizar a luz da sua consciência nos mais variados objectos, de modo flexível, conseguindo evitar fixar-se unicamente em determinados objectos em detrimento de outros. Entre esses objectos podemos considerar, aliás, o seu corpo tanto quanto o seu aparelho mental e emocional.

### O EU TRANSPESSOAL E A ESFERA TETRADIMENSIONAL

Passemos a uma consideração seguinte: o comum dos seres humanos chama “eu” a um conjunto de referências, que tipicamente relaciona com modos de estar, sentir e pensar no mundo tridimensional que o rodeia. Nesse caso, ele pensa, de si mesmo, “eu sou alguém que pensa de tal modo, gosta e desgosta de tais e tais objectos, coisas, acontecimentos, sente isto e aquilo” e assim por diante. Aquilo com que o homem se identifica é, afinal, o que considera o seu “eu”. Este “eu” está tipicamente relacionado com um horizonte espacial e temporal bem delimitado e de que é inseparável (ver, a este respeito, as considerações de Yinger e Hendricks-Lee, 1993, que também referem Heidegger e a sua concepção de *Dasein*). Podemos pensar que vale a pena distinguir, no entanto, o “eu” pessoal, tomado como o conjunto dos estados mentais, emocionais e físicos com que o homem se *identifica conscientemente* - a que dirige a luz da consciência (“tridimensional”, neste caso) relacionando-os consigo - do Eu verdadeiro ou “Eu Transpessoal” (ou, para algumas designações, o “self”). O “eu” representará, então, o conjunto das identificações ilusórias do “Eu Transpessoal”, sendo este último, e não o eu pessoal, tomado como por nós, nesta exposição, como o verdadeiro centro da consciência do homem. É extremamente frequente que nós, humanos, nos identifiquemos erradamente com o “eu pessoal” que não passa do reflexo, no espelho daquilo com que nos identificamos conscientemente, de um Eu mais fundamental; contudo parece-nos evidente que o conjunto das auto-imagens a que chamamos “eu” não passa de um subconjunto mais ou menos incompleto da totalidade maior que é o “Eu” verdadeiro. O homem mais livre e saudável é aquele que possui um eu pessoal representativo do seu verdadeiro Eu e que, ao mesmo tempo, não se identifica com as representações que vai fazendo de si próprio ao ponto de se rigidificar numa imagem fixa e imutável. Somente assim ele pode evoluir como ser humano, passando de umas identificações para outras, reformulando-se, em busca de uma sobreposição cada vez maior entre o eu e o *self* ou Eu Transpessoal, uma “transparência ao ser” (Dürckeim, 1995). Contudo - e aqui entramos no território da Psicologia Transpessoal - pode ocorrer que, por momentos mais ou menos prolongados, o homem desloque o seu centro de consciência do eu pessoal para o Eu transpessoal e da esfera tridimensional para a esfera tetradimensional. Nesse caso, ele pode ter lampejos mais ou menos completos e prolongados da visão tetradimensional que o habilita a contemplar, em simultâneo, o vasto leque dos muitos eus

personais e “tridimensionais” que podem constituir alternativas, entre si, ao seu eu actual. Pode até ser que (se admitirmos que existe reencarnação), ao aceder momentaneamente à consciência tetradimensional, ele possa captar informações acerca de eus passados e futuros em vidas que já teve ou que poderá vir a ter, pois obterá acesso a um estado de consciência em que poderá sentir, ver, intuir, informações referentes a algo que transcende o que normalmente é acessível através da consciência tridimensional “normal”. Isso irá habilitá-lo a conhecer e a escolher, eventualmente, entre diferentes maneiras de estar, ser, pensar ou, até, entre diferentes maneiras de ser uma pessoa global. Obviamente, isto poderá ser extremamente saudável, contrapondo-se à rigidez típica dos estados patológicos e permitindo-lhe libertar-se de identificações dolorosas e limitadoras.

Na verdade, o efeito terapêutico dos estados modificados (e expansivos) de consciência é um dado adquirido e um dos pressupostos fundamentais das psicoterapias de orientação transpessoal. Um dos indícios mais interessantes a esse respeito tem a ver com as experiências de quase-morte, das quais a maioria das pessoas regressam com aquisições significativas para si mesmas e para a sua adaptabilidade e equilíbrio sociais (Moody, 1977; Eysenck e Sargent, 1982). Parece-nos que tudo ocorre como se, durante estados modificados - sobretudo em estados de “consciência cósmica” - houvesse uma aprendizagem extremamente intensa e de efeitos globais e duradouros sobre toda a vida pessoal. O enorme impacto positivo na qualidade de vida biopsíquica das pessoas envolvidas e o facto de que um único “estado modificado” pode afectar tanto ou mais a vida das pessoas como muitos anos de psicoterapia convencional poderia dever-se à influência do contacto com a esfera de luz tetradimensional. Este, pelas próprias características da tetradimensionalidade, poderia exercer um efeito de gravação profunda no cérebro com um carácter global, holográfico, como se fosse uma aprendizagem maciça e repetida longamente. Do mesmo modo, quer as curas “milagrosas” quer certos efeitos de auto-cura atribuídos à acção do eu transpessoal sobre o corpo através da visualização criadora, poderiam dever-se à criação de “formas” mentais definidas. Estas exerceriam, pelo seu carácter tetradimensional, uma acção global e simultânea particularizada em cada órgão e cada célula do corpo. O “merecimento” de tais curas seria, tão só, o resultado de uma busca activa de contacto com o eu transpessoal...

Podemos ainda pensar que a ideia, admitida por muitos terapeutas que trabalham com regressão a supostas vidas passadas, de que determinados traumas noutras vidas podem exercer efeito patológico na actual, se deva à irrupção de memórias inconscientes provenientes das identificações ocorridas em vidas passadas. Nesse caso, seria a existência de uma esfera tetradimensional que faria a “ponte” de ligação entre vidas passadas, com as respectivas consciências tridimensionais, e a vida actual. No entanto, essa ligação, sendo imperfeita e inconsciente, produziria efeitos negativos até que, em terapia, fosse viável ao sujeito aceder parcialmente à consciência tetradimensional e, tomando uma perspectiva ampla e abstracta, terapêuticamente desidentificada de cada vivência tridimensional passada, redefinir os seus padrões de relacionamento com o mundo e consigo mesmo.

Também a revivência ultra-rápida ou mesmo “simultânea” (e, num certo sentido, psicologicamente desprendida) dos acontecimentos da sua vida que ocorre em pessoas durante experiências de quase-morte (Moody, 1977) poderia dever-se a um acesso parcial e momentâneo às possibilidades oferecidas pela consciência tetradimensional - face à qual os acontecimentos “tridimensionais” poderiam surgir em sucessão não limitada pela velocidade usual dos processos cerebrais ou mesmo em simultâneo.



## MODALIDADES DE EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA E ALTERAÇÕES QUALITATIVAS

A ideia de considerar a consciência como uma esfera de luz (luz essa que se comporta simultaneamente como onda e partícula) que, no estado normal, parece ser tridimensional e, num estado alterado, pode tornar-se mais ou menos completamente tetradimensional, auxilia-nos a perceber o que está em causa quer nos estados de expansão quantitativa da consciência quer nos estados de modificação qualitativa (seja ou não acompanhada de uma expansão nítida - embora esta seja talvez inevitável como “abertura” para novos mundos de percepção). A este respeito podemos considerar que:

1) A consciência pode expandir-se no interior da esfera tridimensional alcançando, simplesmente, uma visão mais ampla e englobante. O número de “objectos” presentes na consciência aumenta mas o seu carácter mantém-se igual ao que era antes;

2) A consciência pode alcançar uma mudança qualitativa - luminosidade mais intensa e ou mais ampla quanto ao espectro coberto - de modo a “iluminar” mais claramente objectos de conhecimento já conhecidos ou permitir aceder a objectos antes inacessíveis. Acerca disto vale a pena notar que as recordações mais nítidas e fáceis de reviver parecem ser as que ocorreram sob uma intensidade maior (concentração produzida pela intensidade emocional do momento, por exemplo) mas que, por outro lado, o estado de consciência em que o indivíduo cognoscente se encontra parece facilitar ou dificultar o acesso a áreas de recordação potencial: é bem sabido que, por exemplo na técnica para recordar sonhos, um passo importante consiste em retomar, ao menos parcialmente, a postura e o “estado” em que o sonhador se encontrava momentos antes de acordar (Feinstein e Krippner, 1988). Também se pode pensar na esfera de consciência de cada ser humano como tendo uma coloração/iluminação qualitativa peculiar que pode influenciar o tipo de objectos, vivências ou seres vivos com que ele pode sintonizar-se de modo mais fácil e profundo. Essa “coloração” poderia ter, como é referido em vários livros de tradições filosóficas ocidentais e orientais, um carácter de idealismo ou devoção, vontade, amor-sabedoria, ordem, etc.;

3) A consciência pode obter lampejos de “acesso” à informação qualitativamente diferente proveniente da esfera de luz tetradimensional. Isso poderá dar-lhe acesso a noções radicalmente diferentes acerca do mundo físico e/ou psíquico bem como a “intuições” bem interessantes. Podemos dizer que, neste caso, é empregue uma luz de natureza diferente permitindo ao homem, em grau mais ou menos nítido, superar as habituais limitações da sua visão circunscrita ao espaço-tempo tridimensional. Talvez se possa fazer equivaler a luz da esfera tetradimensional à “luz numérica” de que falava Newton.

A este respeito, gostaríamos de salientar que a ideia de Thomas Roberts (1981, 1989) de que a expansão (e, em geral, mudança) de consciência ou de “estado corpóreo” pode consistir na aprendizagem do uso e controlo dos vários subsistemas do sistema a que chama “estado de consciência” (segundo de perto as ideias de Tart no seu livro *States of Consciousness*, 1975) ou “padrão de funcionamento mental” não nos parece inteiramente adequada senão para descrever a expansão de consciência no interior da esfera tridimensional. Com efeito, os subsistemas que ele propõe, acrescentando dois aos propostos por Tart, são a *exterocepção*, *interocepção*, *processamento de inputs*, *memória*, *cognição*, *emoção*, *output motor*, *intuição*, *identidade*, *senso temporal*, *senso moral* e *interacção com o meio*. Parece-nos que a maioria destes subsistemas têm muito pouco a ver

com a esfera tetradimensional e com as enormes alterações qualitativas da vivências de quem obtém acesso a ela. Parece-nos também que a ideia de Roberts (1989) de que existe uma modalidade de pensamento em “processo terciário” que será típica de um estágio cognitivo mais avançado do que operatório formal proposto por Piaget (1979, por exemplo), com a característica dominante da “selecção do estado corpo-mente ou da sequência de estados apropriada para a tarefa em mãos” (pg. 95) será mais facilmente explicada pelo acesso à tetradimensionalidade. Por outro lado, e seguindo as ideias de Chalmers (1995) acerca da não explicabilidade da vivência consciente com base na explicação de funções cognitivas acompanhadas por ela, pensamos que a proposta de Roberts é interessante mas insuficiente para explicar mudanças verdadeiramente radicais nos estados de consciência: as que são típicas da “Consciência Cósmica”.

4) A consciência pode mudar o núcleo da sua focalização mantendo-se inteiramente centrada na esfera tetradimensional e no “Eu superior”, impessoal e transcendental. Pode, assim, ocorrer a “iluminação”, referida nas tradições místicas e filosóficas do Ocidente e do Oriente, decorrente da irrupção do potencial quer informativo quer energético proveniente da esfera tetradimensional. Nesse caso, a visão habitual acerca do presente, passado e futuro poderá ser substituída por uma visão em que todo o passado (nomeadamente o de supostas vidas anteriores) é percebido simultaneamente com uma ampla série de estados futuros potenciais bem como por uma noção clara acerca de qual a “linha de futuro” que está a tornar-se mais provável. Do mesmo modo, superada a limitação da esfera tridimensional e das identificações que ocorrem no seu interior, o homem pode sintonizar-se e compreender a Humanidade como um todo, com as múltiplas maneiras de pensar, viver, sentir, agir e ser humano. O iluminado poderá facilmente sentir em profundidade, em si mesmo, o enorme leque das possibilidades quanto aos muitos estados de consciência tridimensional possíveis e, com eles, ser conscientemente mil homens, sentir e viver mil vidas, todas sintetizadas na sua consciência transcendental - numa síntese somente permitida pela tetradimensionalidade...

Afinal, ao centrar-se, ainda que por um instante, na esfera tetradimensional, o homem pode obter acesso à possibilidade de dirigir o foco de luz tetradimensional a qualquer uma das esferas tridimensionais, sejam as das suas supostas vidas passadas ou a da vida actual. Com isso poderá, no mínimo, aceder a conhecimentos, memórias ou intuições inacessíveis e incompreensíveis de outro modo. Passa também a fazer todo o sentido a hipótese de, ao alcançar a noção de que algo em si persiste e se vai erigindo através de múltiplas esferas vivenciais tridimensionais, em vidas sucessivas, o homem se aperceber, num sentido vivencial e não somente especulativo, da sua imortalidade. Pode também acontecer, caso aceitemos a hipótese das vidas sucessivas, que, então, ele possa aperceber-se da existência de algum ponto de partida e chegada para múltiplas encarnações, uma espécie de arquétipo da sua própria perfeição humana, que para ser atingida necessitaria de cada encarnação como um degrau (ver Drouot, 1988)...

## PARA UMA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA

Pensando no que pode ser a evolução da consciência do ponto de vista do modelo que estamos a propor, imaginemos que a esfera de luz tridimensional comece por ser, em seres humanos relativamente primitivos e pouco despertos do ponto de vista emocional e mental, caracterizada por uma luz pouco intensa, pouco concentrada e pouco ampla em

termos espectrais. Podemos então admitir que a evolução da consciência resida numa expansão a três níveis: (a) alargamento do espectro de consciência, permitindo “iluminar” áreas novas, antes pertencentes ao superconsciente, ou “ver” a uma “nova luz” áreas antigas (memórias); (b) aumento da intensidade da luz disponível, permitindo maior clareza e penetração na percepção que o indivíduo tem quer de si mesmo e da sua personalidade (vivências corporais, emoções, pensamentos), dos outros ou do mundo que o rodeia; (c) aumento na capacidade de concentrar e focalizar a luz, permitindo maior detalhe e maior consistência/permanência na apreensão dos detalhes bem como no prosseguimento de tarefas conscientemente assumidas pelo homem em evolução. De modo geral, o simples aumento em intensidade e capacidade de focalizar a luz poderá permitir ao homem um melhor acesso ao seu inconsciente pessoal e/ou ao seu superconsciente pessoal...

Imaginemos, agora, que exista uma analogia entre a evolução que pode ocorrer no interior da esfera de luz tridimensional e o que seria uma evolução da e na esfera tetradimensional. Também aí poderia ocorrer que a luz fosse inicialmente fraca e desconcentrada, cobrindo um espectro reduzido, e que, com a evolução do homem, ocorresse uma ampliação na luminosidade e possibilidade de focalização da luz tetradimensional - cuja natureza talvez permita equacioná-la com a “luz numérica” segundo Newton e com o acesso ao mundo das essências ou arquétipos a que já aludia Platão na sua Alegoria da Caverna - bem como um alargamento do espectro luminoso. Isto auxiliar-nos-ia a compreender a diferença entre um homem que começa a ter os primeiros lampejos intuitivos supra-rationais (estando a racionalidade - e o pensamento operatório formal caracterizado por Jean Piaget - intimamente ligada à vivência tridimensional...) e um iluminado capaz de transferir o seu centro de consciência para a esfera tetradimensional podendo, então, observar os objectos com uma visão transcendental, dirigida às essências, sem separação entre o eu e o objecto e com acesso pleno quer ao passado quer ao futuro do seu percurso pelo “mundo tridimensional”... Assim, uma futura ciência da evolução da consciência pormenorizaria quais as principais mudanças qualitativas e quantitativas a ocorrerem entre as esferas de luz tridimensional e tetradimensional bem como quais os factores nucleares capazes de permitir ao homem ultrapassar a esfera pessoal e tridimensional para aceder, cada vez mais, à esfera tetradimensional e transpessoal...

Reparemos, a este respeito, que a polémica actual, no mundo científico, acerca da natureza da consciência e do seu significado (impulsionada nomeadamente pelo facto de que a mecânica quântica tornou obrigatória a consideração do impacto “fenoménico” do observador sobre as coisas observadas; ver Shear, 1995) pode encontrar uma contribuição no modelo tetradimensional. Com efeito, a polémica em causa parece contemplar sobretudo o fenómeno qualitativo da vivência consciente ou experiência que não parece “necessário” no quadro materialista de grande parte da Ciência contemporânea e torna altamente suspeitas as explicações puramente neurobiológicas que consideram a consciência como produto da actividade cerebral (o que constitui o “problema verdadeiramente difícil” equacionado por Chalmers, 1995). No entanto este problema ainda pode adquirir feição bem mais radical se considerarmos os estados de Consciência Cósmica (Weil, 1977a). Vejamos porquê. Conforme é largamente conhecido dos estudos psicopatológicos clássicos, o estado de consciência condiciona as dimensões do real acessíveis à mente e, com isso, a própria natureza do que é pensável. É conhecido o facto de que os conteúdos mentais típicos podem mudar abruptamente com o estado de consciência ao mesmo tempo que muda a própria natureza da relação e dos processos relacionais do homem com esses conteúdos. Isto, que é banal no mundo da Psicopatologia (sendo ilustrado, por exemplo,

pelos estados crepusculares, delirantes, etc.), adquire feições bem curiosas nas modificações de consciência não patológicas e “expansivas”. Assim, na consciência tetradimensional, mesmo o funcionamento cognitivo pode tornar-se absolutamente diferente do usual em consciência tridimensional. Ora se já um estado de consciência vigil normal põe problemas extremamente difíceis à explicação que vê nele um epifenómeno da actividade neurobiológica, o caso fica muitíssimo mais difícil perante um estado de consciência marcado pelo acesso à tetradimensionalidade. Um tal estado pode mesmo, a nosso ver, tornar óbvio que o cérebro humano tridimensional e condicionado pelo espaço-tempo jamais poderia produzir uma consciência tetradimensional (e tem mesmo, segundo parece, grande dificuldade em espelhá-la sequer)...

Gostaríamos agora de abordar o tema do impulso evolutivo subjacente ao próprio desenvolvimento da consciência. Para os neurobiólogos convictos de que as estruturas cerebrais são responsáveis pela consciência, claro está que ela se há-de desenvolver sob o impulso da maturação do sistema nervoso e da sua estimulação através da interacção com o meio ambiente. No entanto também aqui a existência de estados de consciência cósmica coloca limites ainda piores do que os já colocados pela simples existência da consciência humana auto-referida e “experencial”. Como admitir que um cérebro tridimensional possa gerar estados de consciência melhor descritos por um modelo tetradimensional? A não ser que esses estados não sejam de origem cerebral... Porém, se não são de origem cerebral, torna-se admissível o retorno, às preocupações dos psicólogos e à explicação da evolução da consciência, da noção platónica de arquétipo. A noção de consciência tetradimensional permite compreender, abolida a “dificuldade” constituída pela não-sobreposição de formas tridimensionais, de que modo o mesmo arquétipo pode estar “presente” em múltiplas formas e através de múltiplas modificações biológicas submetendo-as continuamente à sua acção. O arquétipo seria uma realidade da quarta dimensão que se “sobreporia” a diversos objectos tridimensionais influenciando-os intimamente no sentido de adequarem cada vez mais a ele. O que se chama “impulso evolutivo”, seja no mundo biológico ou no da consciência (se é que há diferença), poderia ser o resultado da presença constante de arquétipos ou formas tetradimensionais influenciando o mundo tridimensional. Mesmo aquilo a que chamamos Eu transpessoal poderia ser o repositório arquetípico subjacente a múltiplas personalidades, influenciando o seu desenvolvimento, bem como, por isso mesmo, a fonte de um “inconsciente superior” (Assagioli, 1970). Talvez, no mundo da nossa consciência mais profunda (que será o reino do “inconsciente superior” face à nossa consciência vigil “normal”), existam as formas arquetípicas da nossa própria perfeição humana fazendo-nos aspirar ao momento em que a nossa forma tridimensional poderá espelhá-las ou, no dizer de Dürckheim (1995), fazer-se transparente a elas. Tais formas seriam pressentidas enquanto não fossem mais directamente sentidas pela via intuitiva mas exerceriam sempre a sua influência como se fossem linhas de força influenciando constantemente as formas tridimensionais...

## RELAÇÃO COM A PARAPSIKOLOGIA

Já tivemos ocasião para salientar a existência de uma relação entre estados modificados de consciência e fenómenos Psi. Gostaríamos agora de realçar que, se existem “formas tetradimensionais” com possibilidade de se superporem, em qualquer momento e independentemente do espaço-tempo, às formas tridimensionais, é admissível que elas exerçam um efeito atractivo ou “encaminhador” sobre os fenómenos tridimensionais e que

ele possa ser mediado muito mais por significados ou afinidades de um tipo ainda por esclarecer inteiramente do que por objectos sólidos, forças físicas ou distâncias. Assim a precognição (para cuja existência há argumentos extremamente sólidos; ver Chauvin, 1991, por exemplo) poderia ser uma variante de acesso à consciência tetradimensional revelando ao indivíduo a natureza das “linhas de força tetradimensionais” susceptíveis de “padronizar” os fenómenos tridimensionais gerando sincronicidades entre eles independentemente, claro, das distâncias... E cada ser humano seria tanto mais vítima do destino quanto menos estivesse “desperto” para a consciência da quarta dimensão...

Quanto aos fenómenos telepáticos, talvez dependam de um “acerto” especial entre os comunicantes que seja gerado por uma comunicação inconsciente ao nível tetradimensional, acerto esse que somente geraria resultados conscientes se e quando os cérebros conseguissem “espelhá-lo” - o que nem sempre ocorre. Isto poderia explicar o facto, salientado, por exemplo, por Nestler (1974), Bertrand (1979) de que a comunicação telepática parece insensível ao tempo e à distância, ao contrário das ondas electromagnéticas em geral: a telepatia seria, uma vez mais, um fenómeno da quarta dimensão...

Em geral, parece-nos provável que muitos fenómenos Psi, tais como os célebres efeitos PK (psicocinéticos), sejam devidos ao acesso inconsciente (na maior parte dos casos) a um nível tetradimensional onde operam leis causais diferentes daquelas a que temos acesso em estado de consciência tridimensional. Tais leis diriam respeito, de modo notório, à possibilidade de exercer “acção” instantânea sobre corpos tridimensionais independentemente da distância, de influenciar objectos sob a acção de procedimentos que tornariam tão incompreensíveis para nós os resultados quanto o seriam os “aparecimentos” e “desaparecimentos” súbitos de um ser tridimensional que mudasse de plano e regressasse ao mesmo nível perante a visão limitada de um ser bidimensional (Ralphs, 1994).

Um arquétipo, encarado como um tipo especial de “objecto” tetradimensional, poderia funcionar como uma “configuração” psico-energética capaz de influenciar distintos níveis e “locais” de desenvolvimento de fenómenos tridimensionais. Se admitíssemos como possível a criação, pela mente humana, de “objectos tetradimensionais” associados a intenções definidas e com possibilidade de acção energética, teríamos aberta uma via nova para reinterpretar o conceito de Magia - sobretudo na acepção “elevada” que lhe aparece associada em alguns livros esotéricos (Bailey, 1951): as acções “mágicas” consistiriam no resultado da construção intencional e consciente de configurações energéticas tetradimensionais ou com ligação à quarta dimensão. Estas poderiam actuar, como que “de fora” das sequências causais em espaço-tempo tridimensional, influenciando-as de maneira que poderia até, no limite, aparecer como milagrosa...

Do mesmo modo, o dom da ubiquidade atribuído a alguns santos ocidentais poderia ser viável se eles obtivessem o acesso a um nível de existência tetradimensional que lhes permitisse projectarem-se em simultâneo, e estarem simultaneamente presentes, em vários locais “tridimensionais”.

## RELAÇÃO COM ALGUMAS FORMAS DE TERAPIA

Conforme é largamente sabido, uma grande parte dos modelos psicoterapêuticos contemporâneos admite que todo o conhecimento acessível a um ser humano é o que ele obtém basicamente através da aprendizagem, circunscrita a uma vida e a contextos

definidos e vividos tridimensionalmente. Este é, nomeadamente, o caso para os modelos cognitivo-comportamentalistas, psicanalíticos, etc. Sendo assim, para esses modelos, uma psicoterapia consiste essencialmente na lenta definição, desmontagem e redefinição de hábitos, pensamentos e atitudes que se tornaram patológicos. E, como esses comportamentos perturbados foram adquiridos através da vida e da consciência tridimensional, também a sua redefinição deve ser feita através da reflexão da consciência tridimensional que só muito dificilmente pode descontextualizar-se e deixar de estar estreitamente “presa” às suas circunstâncias presentes e passadas (vida infantil, experiência escolar e depois profissional, etc.). Porém, um ser humano em estado alterado de consciência pode ir ao ponto de se aperceber de um número amplo de eus alternativos que coexistem face a um eu tetradimensional que os sintetiza a todos e às maneiras, peculiares a cada um, de viverem as “suas” tridimensionalidades em espaço e em sequência, cada um com as suas circunstâncias ambientais próprias. Assim ele pode aceder a várias personalidades alternativas e utilizar ou gerir potencialidades de cada uma. Por exemplo, pode aperceber-se de que “se eu não sou este “eu” neurótico que se identifica com uma maneira desconfiada de estar no espaço tridimensional que conhece e onde insere o seu sofrimento, posso ser este outro “eu” saudável, e outro, e outro...”

Assim, graças à experiência transpessoal, o ser humano pode aceder a um potencial curativo extraordinário quer em termos de autodiagnóstico - dirigindo a consciência transpessoal ao seu corpo ou ao seu aparelho psíquico e “vendo-os” a uma nova luz... quer em termos de acção autocurativa - dirigindo a banda espectral adequada de energia, através da focalização da consciência, ao órgão, corpo ou actividade a modificar/curar, tudo isso com a precisão e, simultaneamente, a acção global permitidas pela tetradimensionalidade...

## SONHOS?

Parece-nos interessante mencionar que também o campo dos sonhos pode encontrar contribuições úteis no nosso modelo. A este respeito, comecemos por referir uma notável ideia de Erich Fromm (1966) segundo a qual “o mundo diurno é tão inconsciente durante o nosso sono quanto o nocturno o é quando estamos acordados. O termo “inconsciente” é, via de regra, usado unicamente sob o ponto de vista da experiência de durante o dia; assim ele deixa de indicar serem consciente e inconsciente apenas diferentes estados de espírito atinentes a distintos estados de existência” (pg. 30). Pensamos que é bastante admissível pensar que alguns sonhos representam unicamente uma variação no foco da esfera de luz tridimensional que representa a nossa consciência, de um nível mais “diurno” e preso a preocupações exteriores, mundanas, racionais, para um nível mais “nocturno” preso a preocupações de outro tipo, num estado de não-actividade, como salienta Fromm (aliás também Broughton (1986) afirma que “a evidência vai de modo esmagador no sentido de um fluxo de experiência consciente amplo e detalhado durante o sono” (pg. 470) mesmo que o seu foco mude). De qualquer modo, mesmo no caso da “simples” variação na área de incidência da consciência tridimensional, as estranhas vivências do sonho poderiam também corresponder, por vezes, a vagas recordações, elaboradas por um cérebro tridimensional, de lampejos da tetradimensionalidade. Isso explicaria nomeadamente o facto de que, no mundo do sonho, não é difícil um objecto simbolizar outro de modo profundamente “real” ou ocorrerem estranhas distorções espacio-temporais em que ocorrem coisas “impossíveis” como um objecto de determinado volume conter outros de

volumes muito maiores. Parece-nos que, entretanto, determinados sonhos proféticos, premonitórios e/ou noéticos (por vezes extremamente ricos do ponto de vista da experiência espiritual, parecendo muitíssimo “reais” ao sonhador) podem decorrer de um acesso mais intenso do indivíduo a um estado de consciência tetradimensional “iluminando” de modo novo e certo as suas usuais vivências em estado vigil “tridimensional”. O sonho poderia assim ser uma boa via não somente para o inconsciente pessoal “inferior”, relacionado com o nosso passado em vivências tridimensionais esquecidas ou recalçadas, mas também para o inconsciente “superior”, mais relacionado com o nosso futuro e com as nossas futuras expansões de consciência - tornando-se mesmo uma via para elas. Nesse caso, talvez o período de sono/sonho com maior probabilidade de incluir acessos mais ou menos amplos à consciência tetradimensional fosse o do sonho não-REM uma vez que os sonhos deste período tendem a ser mais conceptuais, menos distorcidos e também mais difíceis de recordar do que os da fase REM (ver Broughton, 1986).

### IMPLICAÇÕES ÉTICAS?

Gostaríamos de aludir, aqui, à relação possível entre o modelo que temos vindo a delinear e a Ética de que a Humanidade actual tanto necessita. Parece-nos que, ultrapassada a limitação tridimensional, noções como “ponto de vista individual” podem deixar de fazer sentido face a uma consciência tetradimensional em que podem coincidir e sobrepor-se múltiplos pontos de vista. Pode assim acontecer que faça novo sentido pensar em “mente cósmica” ou noutras referências frequentes em escritos místicos em que a *persona* individual, com as suas limitações associadas à circunscrição espácio-temporal, parece ceder lugar a uma “visão” infinitamente mais global. Talvez, atingida essa “visão”, fique bem mais viável para a consciência do ser humano individual ter acesso a, e compreender, as múltiplas vivências de múltiplos seres humanos. Talvez então ele ultrapasse a simples vivência de si mesmo para aceder a um inconsciente colectivo que seja o repositório da experiência da espécie humana como um todo. Roberts (1989) admite mesmo que em estados mente-corpo de auto-transcendência o ser humano possa apreender de modo imediato princípios morais e valores universais, o que não é nada estranho ao que é defendido por outros autores.

Face a isto, o egoísmo e o egocentrismo, como formas de auto-referência sistemática a um eu pessoal circunscrito (e rigidificado - ver Dürckheim, 1995), aparecem como “defeitos humanos” que amarram e limitam a consciência à visão tridimensional (única “visão” em que faz sentido uma auto-referência sistemática e “separada” de outros seres “tridimensionais”). Por sua vez, o amor impessoal, o amor-dádiva, poderá expandir e libertar a consciência rumo à visão cósmica... Daí a dimensão ética, geralmente mobilizada por estados de consciência profundamente modificada quantitativa e qualitativamente - e, por sua vez, criadora de condições favoráveis a novas vivências em consciência tetradimensional...

### EXERCÍCIOS TRANSPessoAIS BASEADOS NO MODELO DA ESFERA DE LUZ TETRADIMENSIONAL

Conforme será evidente para os terapeutas experientes, são inúmeros os exercícios transpessoais utilizáveis com fins quer terapêuticos quer de autodesenvolvimento independente da necessidade curativa. Pensamos que a compreensão destes exercícios e do

seu modo de acção poderá ser melhorada por recurso ao modelo que vimos propor embora consideremos que eles não necessitam de grandes alterações, em boa parte dos casos, pois já nascem directamente da experiência milenar da Humanidade na sua busca da superação e da transcendência. No entanto, atrevemo-nos a propor, a título exemplificativo, alguns exercícios cuja novidade (muito relativa) poderá resultar do facto de se inspirarem directamente no nosso modelo:

1. Imaginar várias pessoas à sua frente. Pensar nelas como representantes de tipos psicológicos, como por exemplo santo, pecador, criminoso, altruísta, etc., ou então como sendo mesmo pessoas suas conhecidas. Visualizá-las como pessoas que se projectam do seu próprio centro de luz interior. Depois, uma por uma, imaginar-se a “ir” até cada uma delas, vivenciando o que essa pessoa pensa, sente, a sua “postura” face às coisas e aos outros e buscando, sem preconceitos, o que pode aprender com a momentânea identificação com cada uma. Depois, imaginar-se a “recuar” face às pessoas consideradas, recentrando-se no seu Eu profundo e “absorvendo” sinteticamente as várias personalidades alternativas experimentadas nos seus aspectos potencialmente positivos. Procurar “sobrepô-las” e “fundi-las” no mesmo espaço interior transpessoal...

2. Para lidar com obsessões, pode ser seguido um método análogo em que cada obsessão seja “projectada” à nossa frente e devidamente observada/vivenciada colocando-se depois, “ao lado” delas, pensamentos, ideias, objectos alternativos antes de, por fim e após um “recuo” interior, as “soprepôr” no mesmo espaço interno e as absorver/integrar no Eu transpessoal.

3. Também é possível utilizar uma estratégia do género da descrita em 1) para sobrepôr e fundir vários momentos do tempo referentes ao próprio; por exemplo, sobrepôr e integrar o adulto, o jovem e a criança que já fomos no nosso Eu transpessoal, de modo a integrar plenamente os diferentes modos de ser/pensar/estar/sentir/aprender que revelam. O que é, em parte, semelhante ao que se pode fazer numa terapia regressiva...

Para terminar, gostaríamos de apresentar aqui o testemunho de uma pessoa com quem trabalhamos e que, durante uma sessão psicoterapêutica, entrou num estado de consciência que, no mínimo, é fora do normal...

*“Senti um bem estar infinito que jamais algum ser terreno poderá sentir.*

*Inicialmente comecei por ver duas cores, o azul escuro e o preto. O azul era tudo e o preto nada.*

*Consegui identificar o azul como sendo Eu, a forma não sabia como era, tanto a vi como uma forma humana como a vi como um “todo” onde tudo se centrava sem saber qual a sua forma. Senti-me o centro do Universo, e tudo estava em mim. Parece que tinha morrido, a minha alma contemplava tudo.*

*O preto era o vazio, o “nada”, mas depois verifiquei que não estava só, tudo girava à minha volta, onde por vezes distinguia “corpos” brancos, mas passavam tão rapidamente que não os conseguia identificar.*

*Senti uma paz infinita, impossível de ser sentida por qualquer ser nesta vida terrena.*



*Era como se esse “corpo azul” fosse o poder, a paz, algo de intocável, a que nada afectava. Não existiam problemas, tudo à volta era “nada” e eu era “tudo”. Tudo girava à minha volta, mesmo tudo, nada me tocava, era uma simples testemunha. Feliz, não precisava nem deixava de precisar de mais nada. Não tinha vontade de voltar para o aqui e agora, isto é, à Ana, estava tão bom...”*

Na sequência desta experiência, a pessoa em questão, que aqui referiremos apenas como “Ana”, sentiu-se com necessidade de ficar sozinha, sem falar com ninguém. Contudo sentia-se muito bem. Depois, em dias seguintes, manifestou alguma confusão em relação à experiência, sem saber como concluir alguma coisa acerca dela. No entanto, numa consulta posterior, referiu: “é por isso que fiquei baralhada: tudo o resto deixou de ter sentido”...

## BIBLIOGRAFIA

- Assagioli, Roberto (1970): **Psicossíntese**. São Paulo: Editora Cultrix Ltda.
- Bailey, Alice A. (1987; tradução espanhola de um original de 1923): **Del Intelecto a la Intuicion**. Malaga: Editorial Sirio S.A.
- Bailey, Alice A. (sem data, edição brasileira de um original de 1951): **Um Tratado Sobre Magia Branca**. Porto Alegre: Fundação Educacional e Editorial Universalista.
- Bertrand, René (1979): **A Telepatia e os Reinos Invisíveis**. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda.
- Blavatsky, Helena P. (1892): **The Theosophical Glossary**. London: The Theosophical Publishing Society.
- Broughton, Roger (1986): Human Consciousness and Sleep/Waking Rhythms. Pgs. 461-484 **in** Wolman, Benjamin B. e Ullman, Montague (Eds.) **Handbook of States of Consciousness**. New York: Van Nostrand Reinhold Company.
- Budzynski, Thomas H. (1986): Clinical Applications os Non-Drug-Induced States. Pgs. 428-460 **in** Wolman, Benjamin B. e Ullman, Montague (Eds.) **Handbook of States of Consciousness**. New York: Van Nostrand Reinhold Company.
- Chalmers, David (1995): Facing up to the Problem of Consciousness. **Journal of Consciousness Studies**, Vol. 2 (3), pp. 200-219.
- Chauvin, Rémy (1991): **La Fonction Psy**. Paris: Éditions Robert Laffont, SA.
- Drouot, Patrick (1988; edição brasileira de 1995): **Nós Somos Todos Imortais**. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Dürckheim, Karlfried Graf (1995, edição brasileira de um original do fim dos anos sessenta): **Hara o Centro Vital do Homem**. São Paulo: Editora Pensamento.
- Eckartsberg, Rolf von (1981): Maps of the Mind: The Cartography of Consciousness. Pgs 21-93 **in** Valle, Ronald S. e Eckartsberg, Rolf von (Eds) **The Metaphors of Consciousness**. New York and London: Plenum Press.
- Eysenck, Hans J. e Sargent, Carl (1982): **Explaining the Unexplained: Mysteries of the Paranormal**. London: Weidenfeld & Nicholson.
- Feinstein, David e Krippner, Stanley (1988; edição brasileira de 1994): **Mitologia Pessoal**. São Paulo: Editora Cultrix.
- Fromm, Erich (1966): **A Linguagem Esquecida**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Goswami, Amit (1989): The Idealistic Interpretation of Quantum Mechanics. **Physics Essays**, Vol. 2, Nº 4.
- Green, Elmer E. e Green, Alyce M. (1986): Biofeedback and States of Consciousness. Pgs. 553- 589 **in** Wolman, Benjamin B. e Ullman, Montague (Eds.) **Handbook of States of Consciousness**. New York: Van Nostrand Reinhold Company.
- Krippner, Stanley e George, Leonard (1986): Psi Phenomena as Related to Altered States of Consciousness. Pgs 332-364 **in** Wolman, Benjamin B. e Ullman, Montague (Eds) **Handbook of States of Consciousness**. New York: Van Nostrand Reinhold Company.
- McGinn, Colin (1995): Consciousness and Space. **Journal of Consciousness Studies**, 2, Nº 3, pp. 220-30.
- Moody, Raymond A. (1977): **La Vie Après la Vie**. Paris: Éditons Robert Laffont.
- Nestler, Vincenzo (1974): **A Telepatia**. Lisboa: Edições 70.
- Piaget, Jean e Inhelder, Bärbel (1979; trad. portuguesa de um original de 1966): **A Psicologia da Criança**. Lisboa: Moraes Editores.
- Ralphs, John D. (1994): **A Quarta Dimensão**. Lisboa: Editorial Estampa, Lda.

- Roberts, Thomas (1981): Consciousness, Psychology and Education. **Phoenix, Journal of Transpersonal Anthropology**, Vol. V, N° 1, pp. 79-116.
- Roberts, Thomas (1989): Multistate Education: Metacognitive Implications of the Minbody Psychotechnologies. **The Journal of Transpersonal Psychology**, Vol. 21, N° 1, pp. 83-102.
- Shear, Jonathan (1995): Editor's Introduction. **Journal of Consciousness Studies**, Vol. 2 (3), pp. 194-9.
- Targ, Russel & Katra, Jane (1998): **Miracles of Mind**. Novato, California: New World Library.
- Weil, Pierre (1977a): **A Consciência Cósmica**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada.
- Weil, Pierre (1977b): Análise de Conteúdo de Relatos Obtidos em Estado de Consciência Cósmica. **Psicologia Clínica e Psicoterapia**. Belo Horizonte, Interlivros, I (2): 55-82.
- Weil, Pierre (1979): **Fronteiras da Evolução e da Morte**. Petrópolis: Editora Vozes, Limitada.
- Weil, Pierre (1993): **Antologia do Êxtase**. São Paulo: Editora Palas Athena.
- Yinger, Robert J. e Hendricks-Lee, Martha S. (1993): An Ecological Conception of Teaching. **Learning and Individual Differences**, Vol. 5, n° 4.